

O HOSPITAL COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO¹

Ricardo Hélio Chaves Maia

Especialização em Cardiologia (UECE), Graduação em Medicina (UFC)

Universidade Estadual do Ceará / ricmaia@hotmail.com

Keila Andrade Haiashida

Pós-Doutorado em Educação (UFPB), Doutorado em Geografia (UECE), Mestrado em Educação (UFC), Graduação em Pedagogia (UFC)

Universidade Estadual do Ceará / keila.haiashida@uece.br

Resumo: A inserção profissional dos profissionais da educação, durante muito tempo ficou restrita aos espaços escolares, onde ainda estão a maioria destes profissionais. Neste século, entretanto, o pedagogo expandiu seu campo de atuação para outros espaços, como os espaços não escolares. Assim, o objetivo da pesquisa foi analisar como tem sido a inserção dos profissionais da educação nos hospitais. Para tanto realizamos um levantamento bibliográfico para identificação dos principais autores e obras que abordam essa temática. Os pedagogos têm se inserido nos hospitais nas classes hospitalares ou realizando acompanhamento pedagógico de pacientes internados por longos períodos. O atendimento pedagógico nos hospitais é reconhecido pela legislação brasileira como direito a continuidade de escolarizações por crianças e adolescentes que se encontram hospitalizadas. Esta modalidade de atendimento objetiva atender pedagógico-educacionalmente as necessidades do desenvolvimento psíquico e cognitivo de crianças e jovens que, dadas as suas condições especiais de saúde, encontram-se impossibilitados de frequentar a escola.

Palavras-Chave: Saúde. Educação. Campo de atuação.

Introdução

Historicamente os profissionais da educação tem atuado quase exclusivamente em espaços escolares. Neste século, entretanto, o pedagogo expandiu seu campo de atuação para outros espaços, como os espaços não escolares.

Assim, o objetivo da pesquisa foi analisar como tem sido a inserção dos profissionais da educação nos hospitais. Para tanto realizamos um levantamento bibliográfico para identificação dos principais autores e obras que abordam essa temática, com destaque para Dantas, Rezende e Pedrosa (2009), Assis (2009) e Fonseca (2008).

Saúde e Educação

¹ O trabalho deriva da participação no Programa de Extensão em Educação Especial (PROEESP), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UECE e coordenado pela orientadora do estudo.

Abordar saúde e educação consiste um grande desafio, uma vez que, estas duas áreas se revestem de grande importância em nossa sociedade. É importante evidenciar que o conceito de saúde neste texto compreende o complexo bem-estar, mental e social, que devem ocorrer conjuntamente, saúde, portanto não é apenas a ausência de doença e enfermidade. Já educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos e transformados de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se formando através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

Dantas, Rezende e Pedrosa (2009) apontam que no Brasil a educação e a saúde passam a fazer parte da agenda política nacional do governo na época de Vargas, operacionalizadas por meio das ações de saúde escolar. Nas escolas do ensino público existiam comissões de saúde, com o objetivo de vigiar e ensinar hábitos considerados adequados à população, ou seja, tendo a perspectiva de que a população aderisse os hábitos saudáveis, tendo a escola como um meio de alcançar este objetivo, para que esses hábitos resultassem em qualidade de vida.

Na década de 90, com o fortalecimento da democracia e a conquista da ampliação dos direitos de cidadania no país, o trabalho educativo em saúde, vivenciado na escola, tem avançado através da incorporação de novas concepções teóricas da educação e da saúde, assim como na diversificação de seu campo de atuação. (DANTAS, REZENDE e PEDROSA, 2009, p.15).

Dantas, Rezende e Pedrosa (2009) enfatizam que a discussão sobre o direito à educação, possui interface com a do direito à saúde e pode ser percebido ainda como devir, como algo a ser conquistado e, nesse sentido, a integração das políticas pode constituir-se campo fértil de produção de novos movimentos que envolvam dimensões criativas e a configuração de processos pedagógicos que apontem para a superação do modelo da biomedicina na saúde e da pedagogia da transmissão na educação, promovendo a inclusão dos vários atores e atrizes que compõem a comunidade escolar como sujeitos protagonistas dessas ações.

Então as ações de saúde chegam até a escola como uma forma de atingir o maior número de alunos possível e garantir a melhoria na qualidade de vida. Se em 2009 essa articulação figurava como um *devir*. Hoje temos ações concretas, como o Programa Saúde na Escola.

Por meio desta pesquisa explicitamos a relevância que o atendimento escolar em ambiente hospitalar tem.

Tratar do atendimento pedagógico-educacional em instituições hospitalares é considerar a inter-relação de duas importantes áreas – educação e saúde – que devem atuar na finalidade de promover o desenvolvimento integral da pessoa que está sob tratamento de saúde, visando aos seus direitos e sua qualidade de vida. A qualidade de vida – o bem-estar, o estar bem – implica condições físicas, psicológicas e sociais que favoreçam a pessoa a desfrutar uma vida equilibrada, isto é, a possibilidade de realização pessoal, profissional e afetiva. (ASSIS, 2009, p.81).

Para que este trabalho seja bem desenvolvido requer que os profissionais, tanto da saúde quanto da educação tenham total sintonia, com o intuito de melhor atender estes os pacientes. O objetivo do atendimento pedagógico nos hospitais é para que crianças e adolescentes impossibilitados de frequentar a escola, por um período de internação prolongado, não tenham tantos danos nas suas vidas escolares.

A atuação de pedagogos em hospitais

A aprendizagem desses alunos-pacientes ocorre de maneira cooperativa, e as famílias são parte fundamental nesta aprendizagem, pois é junto com os pedagogos hospitalares e a equipe de saúde, que acontecem as vivências e atendimentos que os ajudam na interação social e na produção de conhecimentos por estes sujeitos.

Fonseca (2008) aponta que na classe hospitalar, cabe ao professor criar estratégias que favoreçam o processo ensino-aprendizagem, contextualizando-o com o desenvolvimento e experiências daqueles que o vivenciam. Mas, para a atuação adequada, o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, do aluno da classe hospitalar.

O atendimento pedagógico direcionado para estas crianças e adolescentes ajuda também a ensinar tanto aos profissionais de saúde quanto de educação que é possível conviver com uma doença sem esquecer-se do ser humano, que tem sentimento e que apesar da sua enfermidade é capaz de estudar. Para isso é necessário que se tenha uma pessoa para

mediar, tanto seu desenvolvimento emocional quanto educacional. Assim, destacaremos a função do pedagogo hospitalar.

A função do professor da escola hospitalar não é apenas a de manter as crianças ocupadas, e uma vez que a infância se caracteriza por ser uma fase de crescimento e desenvolvimento, estejam ou não as crianças em hospital, o professor está lá para estimulá-las através do uso de seu conhecimento das necessidades curriculares de cada criança, por causa deste conhecimento, o professor agir como um catalizador e interagir com as crianças proporcionando condições para a aprendizagem. (WILES, 1987 apud FONSECA, 2008, p.30).

O papel do professor em hospitais além de ser essencial, abre novos campos de atuação para o pedagogo, cuja inserção profissional durante muito tempo ficou restrita aos espaços escolares, onde ainda está a maioria destes profissionais. Neste século, entretanto, o pedagogo expandiu seu trabalho para outros espaços, como os espaços não escolares, mais precisamente o ambiente hospitalar. A expansão da pedagogia hospitalar, demonstra para a sociedade o trabalho que é desenvolvido por este profissional, tendo a perspectiva de que a pedagogia hospitalar chegue a todos os hospitais do Brasil, para assim atender a clientela que precisa deste atendimento, melhorando a qualidade de vida destas crianças e adolescentes enfermos. Fonseca (2008, p.29) evidencia que:

O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança da criança com o ambiente hospitalar. Por isso, não lhe deve faltar, além de sólido conhecimento das especificidades da área de educação, noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, e sobre tudo as doenças que acometem seus alunos e os problemas (mesmo emocionais) delas decorrentes, tanto para as crianças como também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital.

Dessa forma, o professor tende a ser mais flexível com seus alunos procurando o melhor método de adaptação para as necessidades de cada um, tendo empatia pelos mesmos, devido à situação na qual cada paciente se encontra, fazendo com que estes desenvolvam sua identidade como ser social, e mostrem suas potencialidades enquanto alunos-pacientes. É importante que o professor consiga atender as necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas, de cada aluno, ajudando no desenvolvimento de sua aprendizagem e saúde, uma vez que, já foi comprovado, que ocorreram melhoras expressivas no quadro clínico das crianças que tem atendimento pedagógico especializado, melhorando sua condição de “aluno – paciente”.

Considerações Finais

A inserção profissional dos profissionais da educação, durante muito tempo ficou restrita aos espaços escolares, onde ainda estão a maioria destes profissionais. Neste século, entretanto, o pedagogo expandiu seu campo de atuação para outros espaços, como os espaços não escolares.

Os pedagogos têm se inserido nos hospitais nas classes hospitalares ou realizando acompanhamento pedagógico de pacientes internados por longos períodos. O atendimento pedagógico nos hospitais é reconhecido pela legislação brasileira como direito a continuidade de escolarizações por crianças e adolescentes que se encontram hospitalizadas. Esta modalidade de atendimento objetiva atender pedagógico-educacionalmente as necessidades do desenvolvimento psíquico e cognitivo de crianças e jovens que, dadas as suas condições especiais de saúde, encontram-se impossibilitados de frequentar a escola.

Referências Bibliográfica

ASSIS, Walkiria de. **Classe hospitalar: um olhar pedagógico singular**. São Paulo: Ed. Phote, 2009.

REZENDE, Regiane; DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo; PEDROSA, José Ivo dos Santos. **Integração das Políticas de Saúde e Educação**. In **Saúde e Educação: uma relação possível e necessária**. Brasília: Ministério da Educação (Salto para o Futuro), 2009.

FONSECA, Eneida Simões da; **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2ªed. São Paulo: Ed. São Paulo, 2008.